

CACIQUE SOTERO: NARRATIVAS DA MEMÓRIA, CONSCIÊNCIA ÉTNICA E MUSEOLOGIA INDÍGENA

Alexandre Oliveira Gomes
Suzenilson da Silva Santos

Nota¹

A gente bota na parede desse museu tudo da cultura da gente. A gente guarda tudo que representa nossa nação, seja caça, armas, plantas nativas e documentos. Aqui a gente vive de agricultura. Planta o milho, feijão, a fava, a mamona, a mandioca. E principalmente a gente se alimenta da caça. Isso aqui é a peba! Nós temos muito peba aqui na nossa quebrada. O pé do gavião estragador de galinha. Ele é muito danado! Tem o pé do jacu. Esse é um pé de um veado. Nós temos muito ainda na nossa quebrada. Essa é a cabeça de um cassaco e esse outro é o tejo. Nós temos muito ainda e é muito gostoso! Esse é um gato maracajá. Essa é uma coruja. Isso aqui é um serra-pau. Ele derruba tudo que é galho. Ali é a cabeça de um bode. Isso aqui é uma casa de abelha. Isso ali é uma casa de formiga. Esse é um couro de mocó. Isso é uma asa de gavião. E isso é o nosso artesanato de madeira imburana. (Cacique Sotero).

Em 2020, o Museu dos Kanindé completou 25 anos e, em 2021, o Núcleo Educativo da instituição fez 10 anos de existência. Premiado nacional e estadualmente, é uma referência dentre os museus indígenas do Ceará e uma das principais instituições museológicas comunitárias brasileiras. Tal fato é um motivo de orgulho para a população do Sítio Fernandes. Apresentamos nesse escrito comentários e dados biográficos de seu fundador, o senhor José Maria Pereira dos Santos, o Cacique Sotero, também conhecido pelos mais próximos como o “Potrofó”, um destacado personagem dentre os protagonistas de uma história dos museus indígenas no Brasil.

Atualmente com 78 anos de idade, Sotero nasceu no dia 15 de novembro de 1943 no Sítio Fernandes, zona rural do município de Aratuba, localizado no maciço de Baturité, a cerca de 130 quilômetros de Fortaleza, a capital do Estado do Ceará, região Nordeste do Brasil. Construiu, desde uma trajetória como trabalhador rural, liderança sindical e indígena, um pensamento museológico que se expressou através de práticas de colecionamento

¹ Este texto foi elaborado a partir da adaptação de conteúdos textuais que produzimos em diferentes momentos. Primeiro, para a elaboração do dossiê que apresentou a candidatura do cacique Sotero no Edital Tesouros Vivos/ Mestre da Cultura – Edição 2018, da Secretaria de Cultura do Estado do Ceará; posteriormente, para a tese de doutorado de Alexandre Gomes (2019) e para a dissertação de mestrado de Suzenilson da Silva Santos (2021).

e musealização bastante particulares, materializadas com a criação do Museu dos Kanindé, em 1995. Com uma vida inteira dedicada à militância em movimentos sociais de luta pela terra, tem contribuído e inspirado significativamente o fortalecimento de projetos étnicos associados à construção e auto-gestão de museus entre diferentes povos indígenas, processos nos quais as noções de “patrimônio” e “cultura” tornaram-se ferramentas de mobilização, luta e resistência.

Figura 1 – Cacique Sotero na primeira sede do Museu dos Kanindé, 2011



Sotero cresceu junto com sua família em meio à Mata Atlântica do Sítio Fernandes, na serra de Baturité (localizada à cerca de 130 quilômetros de Fortaleza) aprendendo desde cedo as técnicas da caça e os saberes da agricultura, ouvindo as memórias dos seus ancestrais e vivenciando os ofícios de seus antepassados. Construtor de sentidos sobre o tempo, arquiteto-narrador da história Kanindé, a práxis museológica do cacique Sotero fundamenta-se em conhecimentos sobre as matas, os seus encantos, mistérios e segredos, incorporados nos sentidos dos objetos e nas narrativas da memória que evidenciam uma profunda consciência étnica (Gomes, 2016 e 2019; Santos, 2021).

Em 1995, com sua participação na II Assembleia dos Povos Indígenas do Ceará (realizada em Maracanaú, no território do povo Pitaguary), passou a liderar, entre seus parentes, um movimento de afirmação étnica e luta por reconhecimento como povo indígena, assumindo a função de

cacique do povo “Kanindé de Aratuba”, etnônimo com o qual passaram se identificar coletivamente. A dinâmica identitária individual foi parte de um processo coletivo de transformação no autorreconhecimento por parte da população do Sítio Fernandes como grupo étnico. Neste mesmo ano, abriu em uma casa sua um “museuzinho”, com o objetivo de “contar a história do índio no meio da sociedade”, inspirado das suas vivências e memórias como caçador e agricultor.

O Museu dos Kanindé foi a primeira organização educacional e cultural criada desde um horizonte semântico indígena no Sítio Fernandes, entre os anos de 1995 e 1996. Foi aberto ao público nesse período, após o acirramento da principal luta territorial empreendida pela população do Sítio Fernandes pela área conhecida na região como “terra da Gia”. Tal luta, que envolveu a população da então Fazenda Alegre, depois transformada em Projeto de Assentamento, juntamente com a criação do museu, estão no bojo da organização da população para o reconhecimento. Com o processo crescente de mobilização, surgiu a Associação Indígena Kanindé de Aratuba/AIKA (1998) e se iniciou o movimento por uma educação escolar diferenciada (1999), processos liderados pelo cacique Sotero e seu irmão, Cícero Pereira, juntamente com outras lideranças, como Senhor Bernardo e Valdo Teodósio.

Figura 2 – Primeira sede do Museu dos Kanindé, 2011



Em 2005, a escola indígena foi construída através de recursos públicos. Ao longo dos anos, organizados nessas instâncias – associação, museu e escola – desenvolveram-se vários projetos voltados para o fortalecimento da cultura, da educação e da história do povo Kanindé, em prol de uma trajetória histórica de luta pelo direito ao bem-viver.

O Museu Kanindé se estabeleceu a princípio em um pequeno quartinho ao lado da casa de seu fundador. Entre 1995 e 2013, funcionou nessa primeira sede, onde as primeiras ações relacionadas à memória e ao patrimônio foram sendo desenvolvidas. Desde meados de 2011, o Museu dos Kanindé vem cada vez mais chamando atenção à nível nacional, principalmente por suas atividades realizadas em torno da articulação entre educação escolar específica e diferenciada e Museologia Indígena.

Desde seus primeiros tempos, o Cacique Sotero sempre apresentou com muita emoção os objetos guardados dentro daquele pequeno espaço físico, no antigo espaço onde tudo começou. Ali se deram as primeiras formações com jovens, o inventário participativo, a limpeza dos objetos e a marcação, a elaboração da documentação museológica, processos que culminaram com a formação de um grupo de estudantes que originou o Núcleo Educativo, grupo que passou a realizar permanentemente atividades relacionadas ao museu e à escola.

Figura 3 – Cacique Sotero apresentando peça do museu, 2011



O Museu dos Kanindé e a Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos são espaços de transformação e afirmação étnica para o povo Kanindé. Instituições indígenas voltadas à reunião, incentivo, resgate e difusão da memória, são fontes de estudos e inspirações para as novas gerações, locais onde compartilhamos as conquistas concebidas através de projetos e parcerias. Além disso, constituem espaços educativos onde preservamos e divulgamos importantes informações da cultura do povo para nós mesmos e para as pessoas de fora.

Trata-se de um espaço de memória que retrata a história do povo indígena Kanindé, através dos seus objetos e da memória indígena do povo. Foi criado com o objetivo de contar as histórias dos troncos velhos para as novas gerações. Em seu acervo, há objetos representativos do nosso modo de vida, que classifica aquilo que é importante para a vivência em comunidade e como coletividade. Os objetos estão ligados a significados e interpretações que remetem a um passado comum e, sobretudo, refletem como se deu nosso processo de organização para a reivindicação de reconhecimento étnico. Sobre isso, Sotero aponta que,

Cada vez que o tempo passava eu fui amadurecendo e fui achando e ganhando mais coisas, fui pensando que era uma cultura nossa, por exemplo, a caça que nós gostava muito de caça e ainda hoje nós gosta, só que elas tão mais difícil por causa das matas que foram muito acabada... Mas era eu pensar que aquilo ali era uma cultura nossa, como o milho e as outras coisas, tudo era coisa que ia ser bem difícil pra gente, por isso que eu guardava pra mostrar como era, porque quando eu fui vendo as coisas mudando eu pensei em guardar àquelas coisas pra gente ver a diferença de hoje pra o tempo passado. E comparava aquelas coisas como um museu, eu disse: eu vou guardar que são coisas velhas que nossos filhos talvez num alcance, pros meus netos e meu povo que não conhece, eu vou mostrar as coisas velhas antigas que diziam que tinha índios. – (Cacique Sotero)

Essa experiência museal se tornou referência no Brasil diante da diversidade museológica não somente dos povos indígenas, mas também àquelas vinculadas a movimentos sociais diversos (como quilombolas, LGBTQIA+, de favelas etc.), associadas ao que se afirmou como o campo da Museologia Social no país. Em 2011/2012, fomos premiados no edital do Programa Pontos de Memória do IBRAM, que nos fez participar de uma ampla rede de iniciativas de memória, patrimônio e museologia social de todo país. Entre 2011 e 2013 ocorreu um processo de reorganização do Museu, partindo do desejo de que as ações pudessem ser mais eficazes

para contribuir, inclusive, com a formação de jovens estudantes da escola diferenciada. Pensando nessa perspectiva, foi discutida a criação de um Núcleo Gestor e Educativo para o Museu Kanindé e foi construída uma nova sede, um antigo sonho do Cacique Sotero, ao lado da escola indígena. Essas ações foram fundamentais para concretizarmos nossos objetivos de delinear ações para o crescimento e fortalecimento do papel educativo e social do museu.

O Museu Kanindé tem sido fundamental para a ampliação do reconhecimento dos museus indígenas no Ceará, no Nordeste e no Brasil, chamando a atenção para a importância de falarmos sobre nós mesmos (“dos índios para os índios”) e, em termos de uma Museologia Indígena, apresentarmos formas próprias de classificação dos objetos (“coisas dos índios”, “coisas dos velhos”, “coisas das matas” e as “coisas do mar²”) como parte de práticas de colecionamento contra-coloniais. Associado ao projeto político do povo Kanindé, a articulação entre ensino escolar diferenciado e educação não-formal através dos objetos, nos possibilitou atualizar tradições e histórias de nossos antepassados para as novas gerações, em contextos de mobilização étnica nos quais o museu se configura como um lugar de construção social dos sentidos do pertencimento, da escrita da história e da formação de novas lideranças.

Segundo o Cacique Sotero,

Para mim, como um índio, como cacique, eu acho muito importante aquilo ali. Para quem? Principalmente, para o mais novo, os alunos, que aquilo ali é uma aula que, quando eles vão com os professores consultar a gente o que é aquele, eu sei explicar ou também alguma liderança mais velha sabe explicar o que é e quem utilizou aqueles couros ali. A gente comia a carne e fazia do couro, costura, come, deixa o tamanduá, o tejo, que mesmo que é está olhando para ele vivo, para mostrar que tinha e tem ainda pouquinho, mas ainda tem aquela caça ali. Porque se a gente não mostrar aquilo ali, pode, hoje, o mais novo dizer “o papai, ou vovô ou tataravô, dizia que comia isso, pegava aquilo e a gente nunca viu um couro ou uma figura, da onde ele disse que tinha no museu”. Mas lá tem essa história e tem as coisas para quem quiser ver ou viver. Eles não estão vivos, eles estão mortos, mas é um morto-vivo. Para a sociedade, a gente mostrar à sociedade, que existia aquilo ali. E é um livro, nós não vê um aluno hoje, não estuda num livro? Nós também ensina o mais novo naquela coisas, que tem todo naquele quartozinho no nosso museu Kanindé, lá em Aratuba, no Ceará. Era isso. (Cacique Sotero)

2 As “Coisas do Mar” são uma categoria de classificação dos objetos elaborada pelo cacique Sotero a partir da relação com os Tremembé de Almofala. Em uma itinerância de movimentos, objetos e pessoas, se deram trocas e intercâmbios entre os dois povos, que originaram parte do acervo que remete às “coisas do mar”, uma variedade de objetos que Sotero colecionou e expôs no MK e que tem como procedência a Aldeia da Praia de Almofala, núcleo histórico e político do chamado “Aldeamento Tremembé”, do século XVIII.

O cacique se tornou uma das maiores referências em relação aos processos de apropriação, na qual lideranças indígenas têm construído, através de uma criação ocidental, os museus; e atribuído traduções e recriações de sentidos a partir de suas próprias realidades. Ao falar da formação do Museu dos Kanindé, assim o cacique Sotero relata os fatos:

Cada vez que o tempo passava eu fui amadurecendo e fui achando e ganhando mais coisas, fui pensando que era uma cultura nossa, por exemplo, a caça que nois gostava muito de caça e ainda hoje nois gosta, só que elas tão mais difícil por causa das matas que foram muito acabada... Mais era eu pensar que aquilo ali era uma cultura nossa, como o milho e as outras coisas, tudo era coisa que ia ser bem difícil pra gente, por isso que eu guardava pra mostrar como era, porque quando eu fui vendo as coisas mudando eu pensei em guardar àquelas coisas pra gente ver a diferença de hoje pra o tempo passado. E comparava aquelas coisas como um museu, eu disse: eu vou guardar que são coisas velhas que nossos filhos talvez num... pro meus netos e meu povo que não conhece, eu vou mostrar as coisas velhas antigas que diziam que tinha índios. (Cacique Sotero)

Mostrar o que veio do passado e expressar modos de ser, estar e conhecer. Comparar como as coisas eram e como estão, para as novas e antigas gerações. A consciência da historicidade do espaço museal, alicerçada em sua potencial função de exercer uma educação histórica e para a convivência com diversidade, nos permite considerar que o pensamento museológico do cacique Sotero evidencia uma profunda reflexão sobre as noções de temporalidades próprias de povos indígenas.

Esforçando-se para manter, por conta própria, o espaço físico e o funcionamento do Museu dos Kanindé há 27 anos, o cacique Sotero reverteu saberes apreendidos e acumulados em suas experiências de vida na criação de uma «expografia caleidoscópica» (Gomes, 2016; Santos, 2021), que reflete as múltiplas temporalidades e formas de vida e cultura presentes em seu fazer museológico. Dono de uma oratória singular, arquivista e memorialista de seu povo, historiador e historiógrafo, selecionou o que deve ser lembrado, formado um acervo indígena e arquitetando memórias para a construção de uma história Kanindé, demonstrativa da íntima relação entre o passado e o presente. Nessa relação a oralidade é reunida aos objetos e aos documentos guardados no museu, ressignificados em conexão com o processo de reelaboração cultural que vivenciam desde 1995 e cuja primeira materialização foi o espaço museal indígena.

A museologia indígena do cacique Sotero, como ciência sobre a relação passado-presente e com a alteridade, foi incorporada nos

sentidos dos objetos e patrimônios herdados de seus antepassados, cujo bem maior deixado foi a terra: “a quebrada de plantar dos Fernandes”, com dizem os documentos que guardam, datados de 1874 e 1884 (GOMES, 2016). Os saberes e as técnicas associadas à atividade da caça, bem como o material utilizado (armadilhas), possuem um lugar especial dentre os saberes museológicos indígenas que vem compartilhando. Suas práticas museológicas associam-se aos conhecimentos herdados de seus ancestrais sobre as “coisas”, a natureza e os seres que nela habitam: bichos, plantas e Encantados, dos quais destaca-se a Caipora. Vinculam-se, também, aos conhecimentos das técnicas de produção da cultura material associadas ao fabrico de objetos de seu povo: o trançado em palha (especialmente de carnaúba), a cerâmica, os artefatos em madeira e a fiação manual de algodão – esta última, uma arte dos antigos que hoje os Kanindé não mais praticam, embora no museu tenham guardado vários fusos de algodão das velhas tias de Sotero.

Figura 4 – Atual sede do Museu dos Kanindé, 2013



À sua maneira, ao longo de quase três décadas, Sotero vem implementando práticas voltadas à construção da memória social com sua parentela. Compartilhando e ensinando saberes apreendidos de seus antigos, empenhando-se em atualizados para as novas gerações – conhecimentos traduzidos para um espaço museal indígena no qual contamos nossas histórias para as mais novas gerações (primos, filhos,

sobrinhos, netos, sobrinhos-netos, enfim, seus parentes em geral, já que entre os Kanindé, “é tudo uma família só”). Desde 2011, há um grupo no qual isso acontece de modo planejado, permanente e sistemático: as crianças e jovens do Sítio Fernandes, que são estudantes da Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos e vem participando do Núcleo Educativo do Museu dos Kanindé. A partir deste grupo surgiram dois outros: o Núcleo de Estudos e Pesquisas Indígenas Kanindé (NEPIK) e o HUVIXA (Jovens Lideranças Kanindé), ambos vinculados à escola indígena. Atualmente, o Núcleo Educativo do Museu dos Kanindé está na terceira geração de jovens, tendo passado pelo grupo mais de 40 estudantes. Em suas ações, aprendem com os mais velhos e desenvolvem atividades de pesquisa e salvaguarda de saberes da memória e do patrimônio cultural entre o povo, a partir do museu e da escola e em diálogo com a população da aldeia.

O cacique Sotero tornou-se um especialista na práxis da tradução para construir, ao seu modo, elementos fundamentais para a constituição de um pensamento museológico indígena. Além da atuação junto aos seus parentes e aos demais povos do Ceará, veio inspirando iniciativas e influenciando as reinvenções museológicas no campo da memória e do patrimônio cultural entre lideranças indígenas e de movimentos sociais de todo o país, que tem tido contato com o Museu dos Kanindé. A parceria entre o museu e a escola é fundamental na realização das diversas atividades com o patrimônio e com a memória. Estas duas instituições educacionais são espaços onde expressamos de maneira mais dinâmica nossa relação com as tradições e os modos de ser e estar no mundo dos Kanindé.

Através da rearticulação de saberes em torno de uma arquitetura dos sentidos sobre o passado dos seus antepassados, Sotero foi estabelecendo uma relação entre a memória e os objetos que foram alvo de sua prática de colecionamento. Esse processo gerou a construção de um espaço museológico próprio, fortemente relacionado a um processo de transformação identitária da população do Sítio Fernandes como povo Kanindé.

A Museologia Indígena do cacique Sotero traduz saberes e modos de fazer associados com a continuidade da luta indígena, que não é somente dos Kanindé, mas de um movimento dos povos indígenas que está para além de fronteiras étnicas e territoriais. Como base de sua Museologia Indígena, Sotero criou um “sistema da mata”: concepção de objetos e patrimônios

vinculada às ideias e categorias de seu povo, formando uma coleção de objetos que faziam referência aos seus antepassados, seus costumes e modos de vida. Esta perspectiva museológica indígena estabelece relações concretas com a reescrita da história numa perspectiva indígena que, através das narrativas dos guardiões da memória, se torna importantíssima para a formação da consciência étnica nas gerações vindouras.

Em 2018, Cacique Sotero recebeu o título de Notório Saber em Cultura Popular concedido pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), a partir de seu reconhecimento pelo Governo do Estado do Ceará como um dos Mestres da Cultura do Estado, em uma categoria até então inédita para estes processos de reconhecimento como “patrimônios vivos” no campo das políticas públicas culturais: Mestre em Museologia Indígena.

Juntamente com Nino Fernandes³, fundador do Museu Maguta do povo Tikuna (Benjamin Constant/AM), criado em 1991, são dois pioneiros e referências do movimento dos museus indígenas no Brasil. São criadores de pensamentos museológicos indígenas que expressam de modo emblemático processos de descolonização e, mais especificamente, de indigenização dos museus que tem acontecido na América Latina e em todo o mundo.

Construtor de sentidos no presente, arquiteto dos sentidos sobre o passado. O cacique Sotero é um empreendedor étnico que estabelece uma consciente relação entre os objetos e o poder da memória, que se materializou na seleção de um conjunto de peças para a formação de um acervo relacionado com o processo de construção da etnicidade e da memória indígena de seu povo, fundamento de sua mobilização por reconhecimento, na qual estabelece uma íntima relação entre o passado e o presente conectada ao processo de reelaboração cultural e luta indígena. Mais que um espaço físico para a ressignificação de memórias e patrimônios, o Museu dos Kanindé é um lugar de construção social dos sentidos de pertencimento (identificação) e sobre o tempo (historicidade), de escrita da história e de formação de jovens para se tornarem novas lideranças.

3 Nino Fernandes participou de vários encontros nacionais de museus, sendo também um dos articuladores da Rede Indígena de Memória e Museologia Social. Nos deixou para o mundo dos encantados em fevereiro de 2018, logo após sua participação no III Fórum Nacional de Museus, realizado no povo Tabajara no Piauí, em outubro de 2017.

REFERÊNCIAS

GOMES, Alexandre Oliveira. **Aquilo é uma coisa de índio**: objetos, memória e etnicidade no Museu dos Kanindé de Aratuba/CE. 2016. Recife: Editora da UFPE (Série Etnicidade).

____. **Museus indígenas, mobilizações étnicas e cosmopolíticas da memória**: um estudo antropológico. Tese (Doutorado em Antropologia). Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2019.

Santos, Suzenilson da Silva. **Um museu indígena como estratégia interdisciplinar de formação entre os Kanindé no Ceará**. Dissertação (Mestrado em Humanidades). Redenção: UNILAB, 2021.